



Educação & Sociedade

ISSN: 0101-7330

revista@cedes.unicamp.br

Centro de Estudos Educação e Sociedade

Brasil

de Oliveira, Renato José
Filosofia e educação: de Sócrates a Habermas
Educação & Sociedade, vol. 28, núm. 98, enero-abril, 2007, pp. 286-289
Centro de Estudos Educação e Sociedade
Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313707016>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – DE SÓCRATES A HABERMAS*

RENATO JOSÉ DE OLIVEIRA*

O professor Leandro Konder, pensador cuja obra vasta e qualificada tem contribuído significativamente para estimular debates na academia brasileira, nos brinda com mais um livro. O volume é o primeiro de uma coleção, organizada pela professora Zaia Brandão, que tem por objetivo discutir, em linguagem acessível ao aluno de graduação e ao leigo, temas ligados aos fundamentos da educação.

Ciente dos desafios que projetos dessa natureza suscitam, o autor expõe, logo na Apresentação, o propósito maior do texto: “Minha esperança é que os leitores que apreciam a Filosofia e a História – estudantes, professores ou curiosos, em geral – se divirtam ao lê-lo” (p. 11). Afirmação corajosa que o leva a indagar, em seguida, se um trabalho que se propõe a tratar a história da filosofia da educação de maneira divertida pode, simultaneamente, ser sério o bastante para justificar-se como objeto de leitura.

O problema inicialmente levantado por Konder não é sem relevância, pois põe em xeque um lugar-comum do meio acadêmico, que tende a considerar sem rigor textos escritos em linguagem simples, direta, agradável e marcada pelo bom humor. Este, aliás, se faz presente em comentários como os que retratam o conhecido episódio do oráculo de Delfos, o qual permitiu a Sócrates ter conhecimento de que a divindade o considerava o mais sábio dos homens:

* Resenha do livro de Leandro Konder (Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2006, Coleção “Fundamentos da Educação”).

** Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: rj-oliveira1958@uol.com.br

Desconfiado da burrice (dos outros e dele mesmo), Sócrates soube que em Delfos, no santuário de Apolo, o deus o tinha indicado, pela boca da Pítia, como o mais sábio dos mortais. A avaliação lhe pareceu surpreendente, e Sócrates chegou a suspeitar, por um momento, que aquilo era uma gozação de Apolo. Depois, mais tranquilo, concluiu que o deus estava advertindo os outros homens, dizendo-lhes que eles eram tão ignorantes que o menos parvo deles era Sócrates. (p. 20-21)

Percebe-se que o livro se apresenta como narrativa que, ao longo das 116 páginas, trata a filosofia e a educação com a maestria dos grandes contadores de histórias da cultura ocidental. Conforme diz Benjamin, no excelente ensaio *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (Brasiliense, 1987, tomo I), a riqueza de uma narrativa emana do fato de estar impregnada pelo ser do narrador, “como a mão do oleiro na argila do vaso”. Por isso, no presente livro, os adjetivos “sério” e “divertido” não constituem pólos opostos. Pelo contrário, entrelaçam-se, conjugam-se, complementam-se.

A obra está estruturada em oito unidades, a saber: 1 - A filosofia dialogando com a educação; 2 - A criatividade renascentista; 3 - O medo barroco; 4 - As luzes da razão; 5 - Os contestadores; 6 - Marx e o marxismo; 7 - Razão: adorada e contestada, e 8 - Filosofia da educação na atualidade. Embora o percurso seja o mesmo de outros autores, que partem dos pré-socráticos e chegam até os dias atuais, o estilo do caminhar é muito diferente, pois, ao invés de fazer do caminho um velho conhecido, torna-o instigante ao oferecer trilhas que certamente vão deleitar o caminhante que apenas espera contemplar paisagens monótonas, marcadas por um irresistível ar de *déjà vu*.

Chamo particularmente a atenção do leitor para algumas dessas paisagens. Em “O medo barroco” há um tópico dedicado aos “plebeus da filosofia” Domenico Scandella, mais conhecido por Menocchio, e Jakob Boehm. Estes pensadores singulares, de origem popular, dificilmente teriam espaço em qualquer outra obra do gênero, uma vez que no palco do advento da modernidade são tomados como anões entre gigantes. A alegoria de Menocchio, que compara o universo a um queijo no qual os anjos brotam como vermes, sendo Deus o maior deles, põe a nu a questão da intolerância religiosa e da falta de apreço pelo pluralismo. Como destaca Konder (p. 49):

Menocchio acusava a igreja de usar o latim como língua obrigatória, para que os teólogos não fossem compreendidos. Sustentava que amar ao próximo era

mais importante do que amar a Deus. Para ele, a tolerância derivava da infinita bondade divina: “Deus gosta de todos, cristãos, heréticos, turcos, judeus, (...) e todos se salvarão de um modo ou de outro”.

Por sua vez, Boehm, sapateiro tcheco de índole mística, trabalhou de modo muito interessante a metáfora que associa Deus à luz e as trevas ao Mal: este seria necessário para que o homem pudesse distinguir, por contraste, a grandeza e a generosidade divinas. Tal como a luz que se expande e tudo ilumina, Deus seria um ser em constante expansão, estando mais presente nas coisas que nascem e crescem do que nas que envelhecem e acabam por perecer.

Tanto Menocchio como Boehm foram discriminados pelo poder instituído e tratados, respectivamente, a fogo e a ferro. O primeiro foi queimado pela Inquisição e o segundo, preso e proibido de escrever suas “sandices”. Com refinado senso crítico, Konder assim traduz o preconceito em relação a Boehm: “a hostilidade contra Jakob Boehm era forte. Um teólogo conservador, Gregor Richter, escreveu que se podia sentir nos escritos do sapateiro o chulé dos sapatos que ele consertava” (p. 50).

Outra unidade que estimula bastante o leitor à reflexão é “Os contestadores”, na qual, além do encontro com a bizarria de um Babeuf ou de um Fourier, é possível dimensionar quão antiga é a luta da mulher por seus direitos. Konder nos fala da educadora inglesa Mary Wollstonecraft (segunda metade do século XVIII), que publicou um livro intitulado *Reivindicação dos direitos da mulher*, fato que pode ser considerado “uma façanha” (p. 76). A afirmação talvez pareça exagerada, mas tomo a liberdade de citar outro exemplo histórico para mostrar que não é: na Bélgica, no ano de 1889, uma mulher foi impedida de exercer a advocacia porque a Corte Suprema alegou ser por demais evidente que o exercício daquela profissão cabia somente aos homens. Em vista disso, não é de espantar que a iniciativa de Wollstonecraft, quase cem anos antes, possa ser vista como grande feito. Cabe dizer, portanto, que as reivindicações femininas contribuíram muito para as mudanças de juízos de valor, fazendo, conforme salienta o teórico da argumentação Chaim Perelman, com que argumentos outrora inquestionáveis (como o da Corte Belga) sejam hoje considerados ridículos.

Também a militante operária Flora Tristan, retratada por Konder na obra *Flora Tristan* – uma vida de mulher, uma paixão socialista (Relume-Dumará, 1994), tem lugar de destaque no livro. Sem jamais

ter conseguido se livrar das balas que o marido disparou contra ela, Flora viajou ao Peru, terra natal de seu pai, e esteve na Inglaterra e na França, onde, já no fim da vida, difundia com ardor suas idéias, “cruzando feminismo e Socialismo, falando de Socialismo para mulheres e de feminismo para operários” (p. 77).

A paixão alimentada por Flora Tristan é certamente a mesma que o autor nutre pelo ideário socialista, conforme fica claro em inúmeras passagens do texto. Sem ser doutrinário ou dogmático, Konder consegue mostrar a quem o lê que o socialismo, concebido como expressão de um humanismo que visa restituir ao homem sua condição de humanidade, não é página virada da história. Afinal, nos dias de hoje, questões como o fetichismo da mercadoria e a apropriação do trabalho não pago, só para citar algumas, não se converteram em fantasmas do passado. Parodiando Marx, são espetros que rondam não só a Europa, mas todo o mundo globalizado.

Em síntese, cabe dizer que *Filosofia e educação* – de Sócrates a Habermas é um trabalho que alia estilo, competência e rigor, constituindo-se em leitura que vale a pena ser feita. Discordando do autor quando afirma, na Apresentação, que quem não aprecia história e filosofia não lerá seu texto, entendo que este pode despertar em tais pessoas um gosto inicial pelos temas afins às referidas disciplinas. Se o saber é um tipo de sabor que seduz o intelecto, sobretudo quando despertado por temperos apropriados, então mesmo os indivíduos que, por princípio, são avessos à filosofia ou a consideram inútil irão ter uma agradável surpresa ao degustarem as páginas deste livro.